

ENVELHECIMENTOS MASCULINOS: ENTRE VIVÊNCIAS PLURAIS E EXIGÊNCIAS NORMATIVAS¹

AGING MEN: BETWEEN PLURAL EXPERIENCES AND NORMATIVE REQUIREMENTS

GABRIELA FELTEN DA MAIA², FÁTIMA CRISTINA VIEIRA PERURENA³ E BENEDITO MEDRADO⁴

Recebido em: 14/04/2011

Aprovado em: 16/10/2011

RESUMO

O presente artigo apresenta reflexões sobre os significados de velhice e envelhecimento, produzidos em um contexto de homosociabilidade, a partir de informações produzidas em pesquisa de mestrado realizada em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Partimos das leituras teóricas que buscam compreender os homens e as masculinidades como construções de gênero. Buscamos compreender como ordens simbólicas de gênero produzem distintos olhares ao processo de envelhecer, constituindo-o como plural e heterogêneo, mas ao mesmo tempo marcados por jogos de poder. A metodologia, de natureza qualitativa, baseou-se em registros etnográficos feitos em uma praça central da cidade, onde se concentram uma expressiva quantidade de homens considerados velhos. Nossas análises destacam a multiplicidade de formas possíveis de categorizar, definir e diferenciar experiências de envelhecimento, produzindo modos de ser homem velho também diversos, fortemente marcados pela sexualidade como dispositivo de poder.

Palavras-chave: Envelhecimentos; Gênero; Masculinidades; Sexualidade; Processos de subjetivação.

ABSTRACT

This article presents reflections on the meanings of old age and aging produced in a context of homosociability, based on information obtained in research carried out in a countryside city of Rio Grande do Sul. We started from the theoretical interpretations that seek to understand men and masculinity as gender constructions. We seek to understand how gender symbolic orders produce different looks to the aging process, making it plural and heterogeneous, but at the same time marked by power games. The qualitative methodology was based on ethnographic records made in a central town square, which concentrate a high number of men considered old. Our analysis highlights the multiplicity of possible ways to categorize, define and differentiate aging experiences, also producing different ways of being old man, strongly marked by sexuality as power device.

Keywords: Aging; Gender; Masculinities; Sexuality; Process of subjectivation.

¹ A pesquisa da qual o artigo é fruto contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Gênero e Saúde (GEPACS) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Ciências Sociais. E-mail: gabryelamaia@gmail.com

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (UFSM). Doutora em Ciências Sociais. E-mail: perurena@terra.com.br

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Psicologia Social. E-mail: beneditomedrado@gmail.com

1 Introdução

Este trabalho insere-se no campo dos estudos sobre envelhecimento e apresenta reflexões acerca das vivências de homens com mais de 60 anos, produzidos em um contexto urbano de sociabilidade masculina, ou homosociabilidade, como prefere Miguel Vale de Almeida (1995), no município de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul, a partir de etnografias realizadas para a pesquisa de mestrado nos anos de 2008 e 2009. Neste estudo, a compreensão dos dados produzidos e os procedimentos de investigação que compõem o trabalho de campo aproximam-se de uma abordagem de cunho etnográfico.

O tema central desta pesquisa refere-se às representações e às significações de marcas que definem corpos e sujeitos ditos velhos. Ao nos propormos a estudar as representações de velhice, tínhamos como pressuposto que, nesse contexto de pesquisa, a ideia de velhice entraria como um elemento de identificação e reunião em grupos de velhos no centro da cidade. A pesquisa revelou que a questão é bem mais complexa, pois, nesse espaço, os homens entrevistados, mesmo aqueles com mais de 70 anos, não se consideravam velhos. Velhos eram os outros, aqueles que ficam em casa, que após aposentarem-se, entregam-se à espera da morte chegar. Neste contexto de pesquisa, não é a ideia de velhice, e muito menos de terceira idade, que entraria como um elemento importante na autoidentificação desses sujeitos. O que está em jogo é uma resistência a um conjunto de características (físicas, psicológicas, sociais etc.) que, tomadas como definidoras de diferenças, nomeiam a identidade, definidora e definitiva, de velho e delimitam o campo de possibilidades dos sujeitos.

Compreendemos que o modo como homens com 60 anos ou mais produzem significados sobre envelhecimento está inserido em um campo, dinâmico e conflitante,

de produção de práticas e discursos que permitem reconhecer e agrupar sujeitos como velhos ou não, a partir de determinados estatutos corporais. Os processos de representação atuam de forma a classificar sujeitos e estilos de vida, pondo em circulação diferentes significados que marcam corpos como sendo velhos e, desse modo, aproximando e distanciando sujeitos de marcadores que definem o que é “a” velhice no ato de nomear, descrever, classificar e diferenciar.

Através da investigação com homens velhos a respeito dos processos de significação do que é ser velho e das possibilidades de viver o processo de envelhecimento, procuramos discutir como as formas de categorizar sujeitos tomam por base os corpos para definir e diferenciar. Assim, apesar da materialidade biológica do envelhecimento, alguém somente pode ser considerado velho a partir de contextos sociais e culturais que fornecem as condições para que ele exista. Isto significa dizer que sujeitos são posicionados – e posicionam-se – como velho ou não a partir da forma que se tem percebido e lidado com o corpo que envelhece.

É, com base nesta leitura sobre velhice e envelhecimento, aliada a uma discussão mais ampla de gênero, que construímos nossas análises sobre etnografias durante visitas de uma pesquisadora mulher jovem, em um contexto de homosociabilidade, em espaços públicos da região central da cidade.

2 Envelhecimentos no masculino

As pesquisas sobre envelhecimento têm dado, nas últimas duas décadas, maior ênfase às perspectivas femininas, em razão, como destaca Barros (2006b), da invisibilidade das mulheres que, também sendo velhas, aumentaria a insignificância das questões relacionadas a este grupo. Estes estudos que refletem, de certo modo, a

tendência dos estudos feministas e de gênero em focar nas mulheres, passaram a incluir, em seu debate, a condição feminina. Então, surgem problematizações a respeito das formas de envelhecer alternativas às mulheres (MOTTA, 1994; DEBERT, 2004; ALVES, 2005, 2006; BARROS, 2006a, 2006b). O debate sobre como novas configurações, estilos de vida, formas de agir e perceber a velhice como um processo plural expandiram as possibilidades de ser velha ao permitir que mulheres velhas pudessem rever os *scripts* do que é velhice e ser mulher (DEBERT, 2004), permitindo-lhes vislumbrar novas sociabilidades, fora do âmbito e influência familiar (MOTTA, 1994, 2006; ALVES, 2005; BARROS, 2006b).

Por outro lado, estudos sobre a relação envelhecimento/gênero sob olhares masculinos são ainda escassos. Alguns poucos estudos encontrados problematizam as questões referentes ao universo de envelhecimento masculino desde a perspectiva de gênero ou dos estudos de masculinidade.⁵ Outros, por sua vez, destacam as diferenças entre os modos de envelhecer feminino e masculino, considerando-as um elemento importante para refletir sobre os estilos de vida e modos de pensar e agir na velhice, contudo sem se deter especificamente na análise de um ou outro (MOTTA, 1999, 2006; DEBERT, 2004; FIGUEIREDO et al. 2007).

Procurando deslocar nosso olhar, propusemo-nos a descrever e analisar significados de velhice e envelhecimento produzidos em um contexto de homossexualidade, tendo como apoio teórico os estudos de gênero e envelhecimento sob a ótica das ciências sociais, atrelada às leituras feministas de gênero que buscam compreender os homens e as masculinidades como construções de gênero.

É importante reconhecer que, como destacam autores como Kimmel (1992a,

1992b) e Craig (1992), o homem e a masculinidade têm sido frequentemente tratados como modelo, padrão, protótipo enfim, referência normativa, afinal, “durante séculos quase todos os livros publicados eram sobre homens. Inclusive hoje em dia, se um texto não tem a palavra mulheres no título, provavelmente trate acerca dos homens” (KIMMEL, 1992a, p. 129).

Embora ainda que percebamos uma tendência nos estudos científicos a relacionar o conceito de ‘homem’ ao genérico ‘ser humano’, um conjunto de pesquisadores(as) têm-se dedicado a refletir sobre as especificidades do conceito de “masculinidade”, como uma questão pertinente aos estudos de gênero, tendo em vista que, como destaca Kimmel (1992a, p. 131), estudar os homens como atores sociais engendrados é algo “essencial se se busca examiná-los descentrando-os de sua situação inicial de território genericamente inexplorável (homens como seres humanos), para fazê-los regressar a sua condição de seres especificamente genéricos”.

Nesse sentido, este trabalho insere-se dentro das discussões que problematizam os homens e as masculinidades não apenas como contraponto ao debate sobre a autonomia e o corpo das mulheres (CONNELL, 1995), mas a partir de reflexões que buscam a construção de uma matriz teórica feminista de gênero para pesquisas sobre homens e masculinidades (MEDRADO; LYRA, 2008), buscamos compreender práticas e significados que constituem modos de ser homem velho no contexto estudado.

Esta matriz se organiza em quatro eixos: 1) o sistema sexo/gênero; 2) a dimensão relacional; 3) as marcações de poder e 4) a ruptura da tradução do modelo binário de gênero nas esferas da política, das instituições e das organizações sociais.⁶

⁵ Podemos citar as dissertações de Carlos Lima Rodrigues (2000) e Mirella Pinto Valerio (2001) e o artigo de Renato Xavier Coutinho e Marco Aurélio Acosta (2009).

⁶ Para a construção dessa matriz, tomamos por base especialmente as produções de Vale de Almeida (1995, 1996); Lyra (1997); Medrado (1997); Figueroa-Perera (2004); Arilha, Unbehaum; Medrado (1998); Arilha (1999, 2005).

Em linhas gerais, essa abordagem político-conceitual está alicerçada em estudos que adotam uma concepção feminista de gênero: construção social que engendra e legitima o poder masculino. O ponto de partida das reflexões sobre homens e masculinidades, baseadas nesse marco conceitual, é de que não existe uma única masculinidade e que não é possível falar em formas binárias que supõem a ‘di-visão’ entre formas hegemônicas e subordinadas. Tais formas dicotômicas baseiam-se nas posições de poder social dos homens, mas são assumidas de modo complexo por homens e mulheres particulares, que também desenvolvem relações diversas com outras masculinidades.

Em artigo publicado na *Revista Estudos Feministas*, Medrado e Lyra (2008) apresentam uma breve síntese sobre as pesquisas que tem tomado os homens e as masculinidades como objeto de estudo. Esses autores destacam que os, assim chamados, “*men studies*” têm sua origem na década de 1980 e maior visibilidade na década de 1990.

Voltando-se a este período de maior visibilidade dessas produções, o *Handbook of Studies on Men and Masculinities*, de 2005, publicado por Robert (agora Rayween) Connell,⁷ Jeff Hearn e Michael Kimmel, apresenta uma compilação das principais obras produzidas sobre masculinidades, entre 1995 e 2002, em diferentes países.

Esses autores classificam as obras compiladas de acordo com seu foco de interesse central:

- algumas se dedicam ao estudo da organização social das masculinidades em suas inscrições e reproduções locais e globais;

- outras buscam a compreensão do modo como os homens entendem e expressam identidades de gênero;
- há ainda as que compreendem as masculinidades como produtos de interações sociais dos homens com outros homens e com mulheres, ou seja, as masculinidades como expressões da dimensão relacional de gênero (que apontam expressões, desafios e desigualdades);
- e, por último, leituras sobre a dimensão institucional das masculinidades, ou seja, o modo como as masculinidades são construídas em (e por) relações e dispositivos institucionais.

Os argumentos desenvolvidos neste artigo situam-se especialmente no terceiro eixo acima descrito, na medida em que focaliza a dimensão relacional da construção dos modos de ser homem velho.

A abordagem político-conceitual adotada neste texto é inspirada na leitura feminista de gênero, que se baseia no questionamento da distinção corpo-cultura e ressalta a dimensão do poder na construção social da diferenciação sexual (SCOTT, 1995). Focaliza, assim, os usos e efeitos que práticas sociais (científicas, religiosas, midiáticas, de políticas públicas etc.) produzem a partir do exercício constante de oposição binária entre o masculino e o feminino. Buscamos, portanto, dar visibilidade à complexa teia que define as relações de gênero, evidenciando desigualdades produzidas em discursos institucionalizados (a partir de diferentes dispositivos, inclusive as práticas discursivas cotidianas e ritualizadas) que nos dificultam a visualização da diversidade, das contradições e polissemia, caminhos potenciais para o questionamento de regimes de verdade.

⁷ Robert Connell submeteu-se à cirurgia para ‘mudança de sexo’ e, mais recentemente, vem publicando ou reeditando suas produções com assinatura de Rayween (seu nome atual) ou simplesmente R. W. Connell.

3 Espaços de gênero em uma pesquisa com homens velhos

Essas perspectivas compreendem as masculinidades como produtos de interações sociais dos homens com outros homens e com mulheres, ou seja, as masculinidades como expressões da dimensão relacional de gênero (que apontam expressões, desafios e desigualdades). De modo que a presença de um pesquisador homem ou mulher será significativa na produção dos dados, justamente pela gramática sexual que regula as relações sociais entre homens e mulheres, exigindo-se, portanto, leituras relacionais, não essencializantes.

Por conseguinte, investigar o envelhecimento do ponto de vista dos homens e dos masculinos significa não apenas apreender e analisar os signos e significados culturais disponíveis sobre o ser homem velho. É preciso estar atento a um tipo de interação específica que informa sobre as relações de gênero e sobre os modos possíveis de ser homem velho no contexto estudado. E, assim, discutir: 1) como se institucionalizam, em práticas mais ou menos ritualizadas e documentadas, modos de ser homem velho, a partir de diferentes dispositivos e 2) como esses permitem ou impedem a construção de outros modos de ser. Situa-se, portanto, nos usos e efeitos que orientam os jogos de discursos e práticas ou, mais precisamente práticas discursivas, que tendem a transformar diversidade em desigualdade.

Nesse sentido, é importante discutir as nuances que surgiram nas interações com os homens velhos, tendo em vista o fato do trabalho de campo ter sido executado por uma pesquisadora mulher jovem que tinha por objeto a velhice. Estes três elementos – mulher, jovem, velhice – foram ativos produtores de sentidos na relação de pesquisa,

pois o interesse de uma mulher jovem em abordar homens com mais de 60 anos no centro da cidade, com o objetivo de estudar a velhice, acabava por produzir, na relação de pesquisa, significações sobre quem é ou pode ser posicionado – e posicionar-se – na categoria velho, comumente associada à incapacidade e à decadência.

Como pontuam Paula Sandrine Machado (2004) e Leina Peres Rodrigues (2009), em seus trabalhos, o fato de serem pesquisadoras mulheres pesquisando entre homens tornou-se um elemento importante para problematizar a produção dos dados de pesquisa. Para estas autoras, a posição de ser uma mulher estudando homens foi extremamente importante, na medida em que a negociação com os sujeitos da pesquisa informava sobre o processo de construção de masculinidade, a partir da relação de pesquisa.

As escolhas metodológicas adotadas nesta pesquisa apontam para estas especificidades encontradas durante o processo de trabalho de campo. As particularidades suscitadas no decorrer da pesquisa, no que tange à “diferença entre os sexos” e à diferença de idade, foram reveladoras do próprio objeto de pesquisa.

Desde a entrada de campo os informantes anunciavam o lugar de mulher da pesquisadora, condição esta que não pôde passar despercebida na análise da pesquisa. Várias situações de pesquisa evidenciavam que expectativas de gênero permearam a negociação com estes homens, através da condição de parceria potencial.⁸ Como explicou Plínio, informante de 83 anos, a concordância em participar da pesquisa e, portanto, encontrar-se com a pesquisadora regularmente, para a maioria dos homens que frequentam a praça, poderia indicar que a partir da relação estabelecida como infor-

⁸ Tomamos de empréstimo o termo “condição de parceria potencial” utilizado por Nádia Meinerz (2007) para caracterizar a relação estabelecida durante o seu trabalho de campo a respeito da constituição da parceria homoerótica feminina. Procuramos reter o mesmo significado utilizado pela autora para caracterizar a relação de pesquisa entre a pesquisadora mulher jovem e os homens velhos.

mantes de pesquisa haveria possibilidade de se desenvolver posteriormente um relacionamento afetivo-sexual. Pois, como relatava, alguns homens, incluindo ele, circulavam pelo centro com o interesse em constituir parcerias sexuais ocasionais com mulheres que circulam pelo local, o que tornava a presença da pesquisadora uma parceira potencial.

Em diversos momentos, houve situações em que tivemos de lidar com cantadas e desconfianças sobre o motivo de escolher o centro como local de estudo, quais seriam os “reais” objetivos em abordá-los ou mesmo situações em que homens reunidos com algum informante afastavam-se com a aproximação da pesquisadora. Jorge, outro informante de 75 anos, explicou que seus amigos supunham que o fato de a pesquisadora sempre conversar com ele era porque esta se tratava de sua namorada e, por isso, afastavam-se, por mais que ele explicasse que se tratava de uma estudante interessada em realizar uma pesquisa com homens velhos no centro.

A diferença de sexo, ao mesmo tempo em que trouxe uma série de vantagens, na medida em que alguns homens situavam os aspectos da construção de masculinidades, marcada pelo encontro com uma mulher, também trouxe alguns empecilhos. Houve acessos barrados e códigos não compartilhados em função da presença de uma mulher – a pesquisadora – no grupo, como expressou um amigo de José, informante de 71 anos, ao dizer que não poderia falar sobre determinadas fatos ou palavras porque “*há roupa no vara!*” (referindo-se à presença da pesquisadora).

Essas e outras situações evidenciaram que ordens simbólicas de gênero compõem os diversos processos e práticas sociais e culturais através dos quais (en)gendram os sujeitos como homens e mulheres, constituem-se como produto e processo não só das formas como masculinidades e feminilidades podem ser experienciadas e

significadas, mas também do próprio envelhecimento, dado que quem envelhece não são apenas os corpos produzidos pelo saber biomédico, mas os corpos gendrados.

Desse modo, as escolhas metodológicas foram pensadas a partir da percepção dessas relações de gênero estabelecidas no campo. As entrevistas sempre aconteceram no centro da cidade, pois o objetivo era pensar as representações e significações de velhice em um contexto urbano de homosociabilidade. Por isso, foram combinados encontros em locais públicos, como bares, restaurantes e mesmo nos bancos presentes na praça e calçadão, mas que mantivessem a privacidade. Foram utilizadas diversas estratégias que possibilitassem a realização das entrevistas sem que sugerisse uma demanda para um encontro afetivo. Quando se tratava de bares ou restaurantes, evitamos que o informante pagasse a conta da pesquisadora, a fim de marcar que não se tratava de uma relação afetiva.

O próprio uso do roteiro teve de ser repensado, pois as perguntas, ao remeterem diretamente à velhice, ratificavam constantemente a posição desses sujeitos como velhos decrépitos. Em uma entrevista com Jorge, ao dar-se conta de que as perguntas giravam em torno do envelhecimento, referiu o roteiro como uma espécie de massacre, como se a todo o momento o lembrasse de que ele é velho. Em razão disso, consideramos a impossibilidade de utilizar diretamente o roteiro como ferramenta de investigação, haja vista que as perguntas diretas sobre envelhecimento restringiam as possibilidades de respostas desses sujeitos. Dessa forma, em vez de levar o roteiro, passamos a colocar as mesmas questões entre as conversas/entrevistas informais, obtendo resultados muito mais frutíferos.

Foram realizadas apenas duas entrevistas formais com o uso do roteiro, tendo sido abandonado assim que verificamos a dificuldade de desenvolver a pesquisa com o uso dele. Desenvolver a pesquisa sem o

apoio de um roteiro de entrevistas semiestruturado mostrou-se uma escolha acertada. Verificamos que as conversas informais, ao possibilitar o desenvolvimento de uma narrativa livre, permitiam a inserção das questões que compunham o roteiro de forma aberta e sem vincular os homens a uma identidade de velho.

As dificuldades encontradas para desenvolver uma entrevista com o uso de roteiro informam sobre a dimensão relacional da entrevista. Percebemos que a qualidade dos dados obtidos através do uso dessa técnica depende da relação que os homens pesquisados estabelecem com a temática, com a pesquisadora e com o espaço no qual se realiza a pesquisa.

Para a obtenção dos informantes, pensamos em nos inserir em uma rede de relações no centro da cidade e, a partir dessa rede, selecionar os informantes. Por isso, a composição da amostra não foi previamente determinada, tendo em vista as características metodológicas da pesquisa. Os homens que foram convidados a contribuir para esta pesquisa foram selecionados através da técnica “bola de neve”. Esta técnica de recrutamento de informantes chamada de “bola de neve” é convencionalmente conhecida na Antropologia como sendo a maneira pela qual os participantes são indicados por amigos ou conhecidos. Nesse sentido, à medida que foram sendo contatados, eles indicaram outros homens da sua rede no centro da cidade.

Embora o uso dessa técnica tenha possibilitado a interação com vários homens que circulam pelo centro, privilegiamos, na descrição dos resultados, as informações obtidas de conversas/entrevistas informais, realizadas com homens com os quais foram estabelecidos vínculos mais consistentes e autorizaram a utilização dessas informações na pesquisa. Respeitando acordos de anonimato estabelecidos com os informantes, foram utilizados nomes fictícios nos frag-

mentos de falas apresentadas ao longo do texto.

4 Entre homens: os desafios do trabalho de campo

Algumas situações do processo de entrada no campo e os desdobramentos na tentativa de aproximação com os homens no centro da cidade podem dar muitas pistas para pensar os dados de pesquisa. A experiência da pesquisadora em campo junto aos homens pesquisados forneceu elementos para compreender que os significados sobre as intenções que permeiam a relação de pesquisa são expressivas do modo como os homens atribuem sentido às suas relações. No contexto estudado, o fato de a pesquisadora ser uma mulher, jovem, interessada em conversar com homens velhos que frequentam o centro implicou um tipo de interação específica importante para a produção dos dados de pesquisa.

O trecho a seguir, extraído do diário de campo, refere-se ao processo de entrada em campo:

Logo após apresentar-me para Antônio e explicar-lhe sobre a pesquisa que pretendia realizar, perguntou-me se não havia, em alguns momentos, surgido desconfianças, ou seja, se não havia surgido um mal-entendido com relação ao motivo que me levava a abordá-los na praça e se eu não teria recebido alguma proposta que poderia constranger-me. Comentou que provavelmente isto aconteceria, visto que nenhum deles me conhecia previamente e por isso ao aproximar-me poderia gerar desconfianças. Considerei se esta fala não se referia a sua própria desconfiança sobre as minhas intenções (Diário de campo).

A primeira ida a campo é ilustrativa para pensar a presença como mulher/pesquisadora. No final de novembro de 2008, a pesquisadora foi até a praça, a fim de iniciar

a pesquisa. Era início da tarde, por volta de 13 horas. Havia pouco movimento e poucas pessoas sentadas nos bancos. Próximo à Rua Venâncio Aires havia um homem, aparentando ter idade avançada, sentado sozinho. A pesquisadora cogitou aproximar-se para conversar com ele. Ao abordá-lo, a pesquisadora apresentou-se como estudante que tinha como interesse pesquisar o envelhecimento masculino. Encerrada a explicação dos objetivos da pesquisa e convidando-o a participar, ele respondeu: “*então nós vamos namorar?*” Neste momento, entendemos esta fala como um mal-entendido quanto à palavra encontro, pois foi explicado que, para a realização da pesquisa, seriam combinados alguns encontros para conversar, e pensamos que estes poderiam ter soado como encontro afetivo. Por isso, tentando desfazer esse possível mal-entendido, reforçamos que se tratava de uma pesquisa. Após este encontro, nunca mais o encontramos na praça.

O que é importante reter deste exemplo é que, embora estivéssemos comunicando que se tratava de um encontro para uma entrevista, a situação de entrevista, em que há alguns encontros para se falar de determinadas questões, pode ser interpretada diferentemente pelos sujeitos pesquisados. A esse propósito, Antônio, após combinado de encontrá-lo uma segunda vez para dar continuidade à pesquisa, comunicou que gostaria de encontrar a pesquisadora em um bar próximo à praça, onde ele pagaria uma bebida enquanto conversavam. Compreendemos que se tratava de um convite para um encontro com vias à formação de parceria sexual-afetiva. Era uma situação inusitada que naquele momento não sabíamos como contornar. Em razão disso foi negada a possibilidade de um encontro, reforçando que se tratava de uma pesquisa.

Apesar de Antônio concordar com os termos dos encontros, dificilmente respondia às perguntas ou comentava algo sobre sua vida quando proposto uma narrati-

va livre. Constantemente elogiava a pesquisadora, dizendo que esta era simpática, legal e sabia conversar. Perguntava sobre seus relacionamentos e o que faria caso algum dos homens entrevistados se apaixonasse por ela. Esses constantes elogios constrangiam-na, pois havia um forte indício de sedução, com constantes elogios e perguntas que soavam como indiretas. Tinha interesse em continuar encontrando-se com a pesquisadora, mas, em momento algum, esta poderia fazer menção à pesquisa, utilizando ferramentas como o gravador, o roteiro ou discutir questões abertas relacionadas à pesquisa, o que resultou na impossibilidade de contar com ele como interlocutor.

Conforme Plínio, a aproximação de uma mulher sempre será vista com segundas intenções. Certa vez, relatou que durante uma conversa entre ele e a pesquisadora um de seus ex-colegas da Viação Férrea, sentado em um dos bancos da praça, estava observando. Após a saída da pesquisadora, aproximou-se dele e perguntou se a mulher que conversava com ele era sua namorada. Plínio conta que negou, explicando que se tratava de uma estudante, realizando uma pesquisa com os velhos na praça. Contudo, afirma que apesar de ter explicado ao seu ex-colega, em geral, todos os homens que circulam pela praça iriam pensar o mesmo ao verem uma mulher jovem conversando com qualquer homem (Diário de Campo).

Nesta situação, mesmo os homens estando cientes dos motivos que levavam a pesquisadora a aproximar-se deste espaço público e a interagir com eles, eles poderiam colocar em questão esse interesse em pesquisar, aceitando participar, explícita ou implicitamente, com a intenção de desenvolver outro tipo de relacionamento.

A partir dessas situações vivenciadas no contexto da pesquisa, destacamos a condição de parceria potencial que permeou boa parte do trabalho de campo realizado na praça. Nádia Meinerz (2007),

em seu trabalho intitulado *Um olhar sexual na investigação etnográfica...*, argumenta que as pesquisas sobre sexualidade tendem a despertar uma suspeita com relação à sexualidade dos pesquisadores, bem como sobre suas intenções subjetivas para a realização da mesma. Durante a realização do seu trabalho de campo, a despeito de ter explicado os objetivos da pesquisa e as mulheres mostrarem-se dispostas a participar, elas julgavam que a real intenção da pesquisadora ao frequentar bares e investigar a constituição da parceria homoerótica entre mulheres era para descobrir-se homossexual.

Na situação de pesquisa, a constituição de parceria era algo especulado também por Plínio nos frequentes retornos à questão das desconfianças de seus ex-colegas de profissão. No início, cogitamos ser apenas um alerta, tornando-o um informante-chave. No entanto, a recorrência do tema fez-nos pensar que a cada retorno ao tema Plínio estava verificando as reais intenções da pesquisadora ao conversar com ele. Por isso, embora esta estivesse fazendo uma pesquisa e procurasse deixar claro que não estava disponível para qualquer envolvimento, uma mulher jovem conversando com um homem velho não poderia ser visto de forma desinteressada.

A situação de parceria potencial, ao contrário de ser pensada como uma dificuldade para a realização de pesquisa, deve ser explorada como uma condição para apreender sobre os significados e os valores do grupo estudado, na medida em que ser uma mulher pesquisando entre homens o caráter de suspeita gerado e constantes verificações das intenções, ao mesmo tempo em que orientam as relações estabelecidas, informam sobre um tipo de interação balizada pelas relações de gênero.

Como salienta Geertz (2001) e Meinerz (2007), a pesquisa científica pode ser qualificada como uma experiência moral, inerente ao trabalho de campo, uma vez que, na relação entre pesquisador e o grupo

pesquisado, há diferenças entre pontos de vista e expectativas. Antes de ser um empecilho ao desenvolvimento da pesquisa, as expectativas que orientam a relação entre pesquisadores e informantes fazem parte do processo de investigação e informam sobre valores e visões de mundo do grupo estudado.

Dessas considerações resulta que a relação estabelecida no campo, devido às expectativas de gênero, indica elementos que compõem as representações de masculinidades e feminilidades e orientam o olhar estabelecido para a pesquisadora, que, ao manifestar interesse em interagir com homens, passa a co-produzir os códigos que regem as relações entre homens e mulheres no centro. A esse respeito, destacamos um comentário de Plínio ao explicar as relações entre homens e mulheres que frequentam o centro. Estas, quando frequentam a praça com o objetivo de encontrar parceiro, fazem-no ficando sentada nos bancos, trocando olhares com homens velhos que por ali circulam. As mulheres não têm nenhuma iniciativa de aproximar-se de um homem, é apenas através do olhar que elas demonstram interesse e dão o sinal que permite a aproximação de algum homem para iniciar o processo de paquera. Neste caso, a situação da pesquisa torna-se parte de um jogo de paquera, na medida em que os encontros para a realização da investigação podem ter um significado de “namoro”, característico da situação de conquista sexual entre homens e mulheres no centro.

Fica claro, a partir desse relato, que as respostas ao interesse de uma mulher em conversar com homens podem ser significativas para pensar que essa relação é regulada por uma grade de interpretação das interações sociais que moldam as expectativas quanto ao comportamento do outro, organizando a interação dos sujeitos com a pesquisadora. Assim, essas respostas tornaram-se um elemento fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. O modo

como os sujeitos categorizavam e interpretavam a relação com a pesquisadora pôde tornar inteligível a forma como homens entendem o que deve ser feito quando interagindo com uma mulher em determinada circunstância e em determinado momento. Apresentamos duas situações anotadas no Diário de campo que registram a forma como os homens estavam significando a aproximação da pesquisadora:

Na primeira conversa com Antônio, após apresentar os objetivos da pesquisa, sou interpelada sobre a existência de um namorado. Ao responder afirmativamente, Antônio questiona: *Ele sabe das tuas vindas à praça para conversar com homens? Ele não implica com tal 'atividade'?* (Diário de campo).

Certa vez, em meio à conversa com Carlos sobre a necessidade de interagir com os homens que vão ao centro para compreender as sociabilidades e representações destes, ele comenta: *Tem que se integrar. Para conhecer e entender. Tem que participar. Quem é integrada é essa guria que ele tá falando aí* [aponta para Jorge, ao comentar de outra pesquisadora que investiga a sociabilidades de homens velhos e também tem como campo de pesquisa o centro de Santa Maria]. *Seguido ela tá lá* [sentado nos bancos da praça com um grupo de homens que se reúnem com Jorge]. *Mas eu não dou muita trela pra ela não. Esse aí* [Jorge] *saem e tomam cerveja juntos. Não sei qual é a história. Diz que é pra pesquisa. Mas eu não sei. Ela tá se 'integrando' ou... eu to fora né. Risos* (Diário de campo).

Analisamos esses exemplos como ilustrativos da forma como os sujeitos pesquisados estavam compreendendo a inserção da pesquisadora em campo e o fato de a mesma estar fazendo uma pesquisa com homens. As insinuações sobre possíveis relações sexuais e as suspeitas quanto ao interesse em falar com eles são fundamentais para entender que a forma como nos

posicionamos em campo está regulada por aquilo que Saffioti (2004) chama de uma gramática sexual que regula as relações entre homens-mulheres, mulheres-mulheres e homens-homens.

É possível pensar que a situação de parceria potencial na pesquisa situava a posição da pesquisadora na interação com esses homens a partir dessa gramática sexual, ancorada em roteiros sexuais, nos termos de John Gagnon (1999), na medida em que estes estruturam as possibilidades de interação sexual ao informar o que é ou não uma situação sexual e o que deve ser feito em circunstâncias específicas.

Compreender as relações que se estabeleceram no campo de pesquisa a partir de uma perspectiva da roteirização permite, nas palavras de Gagnon (1999), relacionar a forma como as pessoas pensam e agem ao contexto sociocultural em que vivem. Significa dizer que a conduta sexual somente irá se produzir a partir de esquemas cognitivos, ou seja, a partir de roteiros que definem a situação e informam quem pode agir e qual o cenário de ação. Nesse sentido, uma determinada concepção de sexualidade e de gênero está em jogo quando da relação entre pesquisadora e sujeitos pesquisados, uma vez que o comportamento sexual é menos uma resposta simples a uma pulsão interna ou efeito automático de um instinto do que um arranjo que encontra sua origem em contextos balizados por uma tecnologia de gênero. Portanto, a peculiaridade da negociação com os informantes, marcada por um estranhamento de ser uma mulher e jovem estudando homens velhos, está informando sobre noções de gênero.

A sexualidade, então, passou a ser um tema importante para pensar a constituição de modos possíveis de ser homem velho. No desenvolvimento da pesquisa, identificamos que o contexto de homosociabilidade do centro da cidade constitui um campo dinâmico e conflitante de produção

de práticas e discursos sobre o envelhecimento que permitem reconhecer e agrupar homens como velhos ou não, a partir de determinados noções de masculinidade ancoradas em estatutos corporais. São processos de classificação e diferenciação produzidos por estes homens que possibilitam distanciá-los das representações negativas que implicam ser considerado um homem velho. Os significados culturais que constituem e estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica das relações entre homens e entre homens e mulheres no centro da cidade, institucionalizam os modos de ser homem velho a partir da virilidade e da sexualidade ativa.

5 Envelhecer com virilidade: a sexualidade como marcador de diferenças

Envelhecimento e sexualidade quando vistos da perspectiva do desenvolvimento humano – envelhecimento concebido como progressão cronológica rumo à finitude – tornam-se excludentes mutuamente, pois, dentro da perspectiva de deterioração, considera-se que há um declínio do desejo, da função sexual (menopausa ou disfunção erétil), perda da atratividade física e da justificação social, visto a perda da capacidade produtiva – saída do trabalho – e reprodutiva.

Mauro Brigeiro (2006) em seu estudo de revisão da literatura gerontológica sobre o tema da sexualidade na velhice verificou um consenso de que a sexualidade de pessoas mais velhas está marcada pelo “mito da velhice assexuada”. Segundo Doris Vasconcellos et al. (2004), até bem pouco tempo ainda se acreditava que o declínio da função sexual ao se chegar em determinada idade era inevitável, face à menopausa e à progressiva disfunção erétil. Além disso, sua justificação social ligada à reprodução perderia seu objetivo ao envelhecer e contribuiria para uma negligência quanto à existência de atividade sexual na velhice. Como

apontam Maria Liz de Oliveira, Selma Oliveira e Lilian Iguma (2007), a naturalização da funcionalidade da sexualidade para a procriação também naturalizou a atividade sexual de tal forma que não se poderia pensar em seu prolongamento até a velhice.

Ao combater essa ideia de que a sexualidade se extingue com o envelhecimento, a gerontologia defende que o prazer sexual é um dever e um indicador de saúde, adotando procedimentos terapêuticos para restabelecer a experiência sexual satisfatória na velhice em face às disfunções sexuais. A discussão sobre o envelhecimento bem-sucedido, em sintonia com a ideia de terceira idade, aparece como uma importante premissa gerontológica para associar a manutenção da atividade sexual na velhice à saúde e à qualidade de vida. Se hoje é possível falar sobre essa associação, enquanto há bem pouco tempo imperava o mito da velhice assexuada, é porque percepções e significações sobre o envelhecimento vêm sofrendo mudanças nas últimas décadas, de modo a constituir um novo-velho (BRIGEIRO, 2006).

Se a noção de velho, de acordo com Clarice Peixoto (2006), pertence à categorização de sujeitos pobres, sem estatuto social, em decadência e dependentes. A preferência pela juventude e o vigor, em nossa sociedade, torna a experiência de envelhecer negativa, atingindo, sobremaneira, a vivência de homens velhos que têm a capacidade de ereção diminuída. A noção de velho ao associar-se à negatividade inviabilizaria que estes homens se constituíssem como sujeitos sexuais possíveis. Por isso mesmo, torna-se difícil reconhecerem-se como velhos. Aqueles que têm saúde saem de casa, possuem atividades de lazer e sociabilidade, mantêm-se sexualmente ativo, não se consideram velhos e não querem ser enquadrados neste modelo.

Isto foi perceptível no entendimento do que seja o envelhecimento com virilidade para os homens que participaram des-

ta pesquisa.⁹ Como pudemos observar, a relação entre sexualidade e envelhecimento – a partir do valor da “virilidade” e da possibilidade de manutenção/produção da virilidade – tornou-se um eixo estruturante e estruturador da percepção do envelhecimento.

A sexualidade desses homens tendem a concentrar-se na área genital e no recurso da penetração. Conforme discute Brigeiro (2006), a literatura gerontológica sobre sexualidade considera esta ênfase uma concepção limitada de sexualidade ao defenderem que, na velhice, há uma plasticidade corporal e um deslocamento da sexualidade da área genital para “zonas erógenas” do corpo. Contudo, é importante atentar que a valorização da atividade sexual com penetração é antes um compromisso com aspectos característicos do modelo de masculinidade valorizado pelos informantes e uma das condições por meio da qual se distanciam do estereótipo de velhice.

Para eles, a capacidade de manter relações sexuais com penetração e sem utilização de medicamentos é determinante para nomear velhos e não velhos, como na afirmação de Xavier ao comentar sobre como os homens devem envelhecer:

Estávamos falando sobre envelhecer com virilidade. Temos que envelhecer com virilidade. Tem aqueles que envelhecem de remédio. É aquele que vive na farmácia. (Xavier, Diário de Campo).

Um corpo saudável e apto para a vivência da sexualidade são condições para ‘envelhecer com virilidade’ e demonstra que, apesar da passagem do tempo e o surgimento dos sinais de envelhecimento, ainda é possível manter as condições desejáveis para a sua realização, como destaca Jorge:

Bom, depende também da vivência do homem. Se o homem fuma, ele bebe bastante, se ele fuma bastante. O homem com 50 anos já tá virando também num velhinho já. Já começa a ficar, né... O sexo pra ele já começa a ficar, começa a desaparecer e tal e aí já vai mudando tudo. Agora o cara que nunca bebeu, não fuma e tal, se controla e tal, o cara aí vai mais longe... [...] Tem muito homem que se controla, mas têm outros que não. Se ele se controla aí ele vai mais longe. Ele vai mais longe pra fazer sexo. (Jorge, 74 anos).

Essas dificuldades do envelhecimento e a necessidade de manutenção das funções sexuais são expressas por Adolfo na colocação a seguir:

Nós levamos a vida, o restinho de vida meio... Se não dá para dar uma hoje, a gente dá outra, dá amanhã. A gente também tem as folgas da gente, né. Ou às vezes se quer muito, esforça, dá uma de manhã e outra de tarde, mas não é sempre, né. [Risos] (Adolfo, Diário de Campo).

Como manifesta este informante, as dificuldades de manutenção das condições físicas são os delimitadores da atividade e do discurso sexual, pois apesar do discurso ser importante para sustentarem-se no lugar de não-velhos, este necessita ser ratificado por condições dadas pelo corpo. Por isso, a ereção torna-se um valor constituinte da masculinidade desses homens, bem como marcador de diferença, como enfatiza Jorge, ao dizer que os homens velhos precisam de “*argumento pra contentar a mulher [...] argumento físico*”, pois “*chegar com uma polenta velha braba não adianta*”. Para se considerarem não velhos há necessariamente a passagem pela via corporal, na qual a capacidade de ereção, a virilidade é a condição para a categorização.

Verificamos que os significados associados à disfunção erétil e o consequente

⁹ Envelhecer com virilidade é um termo êmico.

afastamento de certas prerrogativas, que para estes homens constituem a sua masculinidade, sinalizam que os significados sobre o que venha a ser o sexual estão informando sobre um conjunto de valores fundamentais para a constituição das identidades. Vale de Almeida (1996), em seu estudo etnográfico sobre homens residentes em uma comunidade do interior português, argumenta que o corpo é investido simbolicamente como base existencial da cultura, de modo que o processo de incorporação dos significados de gênero passa a ser consensual e concretamente vivido. Como demonstra Ceres Victora (1997), as práticas e representações sobre o corpo, a sexualidade e a reprodução geradas em determinado contexto sociocultural são fundamentais para compreender como a internalização (*embodiment*) de um *habitus* de gênero dá forma e significado ao aprendizado relativo tanto à composição do corpo do homem quanto à identidade masculina.

Com base nessas reflexões, é interessante destacar que entre os homens velhos entrevistados compos-se um modelo de masculinidade ‘viril’, reiterado constantemente na relação de pesquisa com uma mulher jovem. Esta postura, para Brigeiro (2002), deve ser observada, antes, como performances desses homens forjadas na dinâmica da sociabilidade em um espaço público. Mais do que evidenciar o surgimento de novos comportamentos para a velhice, configuram-se a partir de certos atributos de gênero na organização do cotidiano desses sujeitos.

A reunião de homens no centro da cidade de Santa Maria, apesar de aberto para outros membros que circulam no centro, são fechados para a participação de mulheres. A pesquisadora nunca teve a oportunidade de participar de uma roda de conversas, porque ao aproximar-se de um homem o restante do grupo encerrava a discussão e afastava-se. Os olhares desconfiados quando esta estava conversando com algum velho

tornavam-se mais visíveis, o que indicava a suspeita sobre os seus interesses em estar próxima deles.

Este espaço é recortado por diferentes grupos e denominações, sendo um conhecido como o “canto do cutuca” onde homens observam as “mulheres bonitas passar”, e quando estas passam um cutuca o outro para que todos olhem para ela. Esta denominação é antiga e refere-se a um grupo de homens que se reuniam em frente a um clube localizado próximo ao calcadao. Todavia, ainda hoje é utilizada pelos homens velhos para designar o lugar onde alguns velhos sentam-se ao longo do dia para observar as mulheres que passam, consideradas “colírios” para seus olhos. Sobre isso Carlos comenta:

[...] Tem outra né, quem fica sentado aqui fica alegrando os olhos, né... com as gurias bonitas... Colirios pros olhos. Tem mais essa né [além de conversar com os amigos]. Em casa tu acostuma né, arroz e feijão. Então, tem que ver coisa nova. [...] Elas passam em todos os lugares. A gente so olha, né. E vê o que é... Faz bem pras vistas ou fecha os olhos. Quando não faz bem pro... É mesmo que colírio. O que não faz bem não olha. Fecha os olhos. (Carlos, Diário de Campo).

De acordo com as análises de Brigeiro (2002), a possibilidade de reunião de um grupo de homens de mais idade em espaços públicos e as performances jocosas e das práticas sexuais representa uma continuidade das práticas e estilo de vida do curso de suas vidas e um movimento de resistência a velhice incapacitadora. A possibilidade de naoclusao no espaço doméstico, antes associada à dedicação ao trabalho e como provedor e protetor da família, e agora através do trânsito diário pelo espaço público, demarca uma dinâmica social que hierarquiza as relações sociais e os espaços de sociabilidade a partir de noções de gênero.

Essas noções estruturaram as possibilidades de relação e deram suporte ao modo como os homens velhos entenderam a entrada de uma mulher em um espaço marcado por princípios de visão de divisão sexuadas do mundo social. Assim, as particularidades surgidas na interação entre pesquisadora e sujeitos pesquisados, no que diz respeito à condição de parceria potencial que permeou a relação de pesquisa, demonstraram que as representações em torno da masculinidade entrelaçaram-se com um movimento de resistência à velhice estigmatizada.

6 Considerações finais

Este trabalho teve como principal desafio compreender representações e significados de velhice e envelhecimento produzidos em um contexto de homosociabilidade masculina, a partir da interação com uma pesquisadora mulher e jovem. Avaliamos que os resultados obtidos são produto e processo de uma relação surgida na situação de pesquisa, caracterizada pela condição de parceria potencial e balizada por uma tecnologia de gênero que (en)gendra as posições dos sujeitos como sujeitos gendrados. Entendemos que somente através de uma maior atenção ao modo como os homens estudados estavam significando a relação de pesquisa foi possível compreender um conjunto de mecanismos que visam a diferenciar a experiência pessoal de envelhecer em relação a de outros velhos.

Percebemos que esses homens não querem ser posicionados e posicionarem-se no modelo de velhice assexuada e em decadência física, psíquica e social. Por isso, procuram estratégias por meio das quais possam diferenciar suas experiências individuais de envelhecimento da experiência de outros sujeitos considerados por eles como pertencentes ao modelo de velhice.

A classificação e significação de

quem é ou não velho não está relacionada à idade cronológica ou biológica. Pertencer a uma categoria implica a identificação da presença ou ausência de certas condições que demarcam e diferenciam sujeitos. Isto significa que, ainda que haja o reconhecimento do processo de envelhecimento, reconhecerem-se – e serem reconhecidos – como homens sexualmente ativos os exclui da condição de sujeitos velhos.

A expectativa em torno do envolvimento sexual está associada ao empenho em reconhecerem-se em um modelo de envelhecimento que, de modo mais geral, torna-se uma prerrogativa para uma velhice ativa e saudável. Pode ser pensada como um dos mecanismos encontrados pelos homens velhos para demarcar que ‘velho’ é sempre o outro. Portanto, a sexualidade como uma tecnologia que constitui comportamentos, sujeitos e representações possibilita que, através do sexo, marcadores corporais de diferença materializem os corpos enquanto corpos velhos ou corpos não velhos.

Referências bibliográficas

ALVES, A. M. Família, sexualidade e velhice feminina. In: HEILBORN, M. L.; DUARTE, L. F.; PEIXOTO, C.; BARROS, M. M. L. **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2005. p. 19-38.

_____. Mulheres, corpo e performance: a construção de novos sentidos para o envelhecimento entre mulheres de camadas médias urbanas. In: BARROS, M. M. L. (Org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 67-89.

BARROS, M. M. L. Gênero, cidade e geração: perspectivas femininas. In: BARROS, M. M. L. (Org.). **Família e gerações**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006a. p.17-37.

_____. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: BARROS, M. M. L. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006b. p. 113-168.

BRIGEIRO, M. Envelhecimento bem-sucedido e sexualidade: relativizando uma problemática. In: BARBOSA, R. M.; AQUINO, E. M. L.; HEILBORN, M. L.; BERQUÓ, E. (Org.). **Interfaces: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva.** Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. p. 171-206.

_____. La gerontología como un saber sobre la sexualidad y las nuevas configuraciones del curso de vida sexual. In: VIGOYA, M. V. **Saberes, culturas y derechos sexuales en Colombia.** Bogotá: Tercer Mundo, Centro Latinoamericano de Sexualidad y Derechos Humanos (CLAM), Universidad Nacional de Colombia - Facultad de Ciencias Humanas, 2006. p. 63-86.

CONNELL, R. **Masculinities.** Berkeley: University of California Press, 1995.

CONNELL, R.; HEARN, J.; KIMMEL, M. Introduction. In: KIMMEL, M.; HEARN, J.; CONNELL, R. W. (Ed.). **Handbook of studies on men and masculinities.** California: Sage, 2005. p. 1-12.

CRAIG, S. (Org.). **Men, masculinity and the media: research on men and masculinities series.** Newbury Park/London/New Delhi: Sage, 1992.

COUTINHO, R. X.; ACOSTA, M. A. F. Ambientes masculinos da terceira idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1111-1118, 2009.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento.** São Paulo: Universidade de São Paulo, FAPESP, 2004.

FIGUEIREDO, M. L. F.; TYRREL, M. A. R.; CARVALHO, C. M. R. G.; LUZ, M. H. A.; AMORIM, F. C. M.; LOIOLA, N. L. A. As diferenças de gênero na velhice. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60, n. 4, p. 422-427, 2007.

GEERTZ, C. O pensamento como ato moral: dimensões éticas do trabalho de campo nos países novos. In: _____. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p. 30-46.

GAGNON, J. H. Les usages explicites et implicites de la perspective des scripts dans les recherches sur la sexualité. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 128, n. 128, p. 73-79, 1999.

KIMMEL, M. La producción teórica sobre la masculinidad: nuevos aportes. In: RODRIGUES, R. (Ed.). **Fin de siglo: género y cambio civilizatorio.** Santiago: Isis International; Ediciones de las mujeres, n. 17, 1992a. p. 129-138.

_____. Foreword. In: CRAIG, S. (Ed.). **Men, masculinity and the media.** Newbury Park, London, New Delhi: Sage, 1992b. p. xi-xii.

MACHADO, P. S. Métodos de homem e métodos de mulher: relações de gênero e decisões por métodos de prevenção. **Corpus: Cadernos do NUPACS**, Porto Alegre, n. 15, 2004.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008.

- MEINERZ, N. Um Olhar sexual na investigação etnográfica: notas sobre trabalho de campo e sexualidade. In: BONETTI, A. L.; FLEISCHER, S. (Org.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Santa Cruz do Sul; Florianópolis: EDUNISC; MULHERES, 2007. p. 123-154.
- MOTTA, A. B. Falando em surdina: são mulheres velhas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 9., 1994, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ABEP; 1994. p. 363-376. v.3. Disponível em: <www.abep.org.br/>. Acesso em: 27 mar. 2009.
- _____. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **CADERNOS Pagu**, Campinas, v. 13, p. 191-221, 1999.
- _____. Chegando pra idade. In: BARROS, M. M. L. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- OLIVEIRA, M. L.; OLIVEIRA, S. R. N.; IGUMA, L. T. O processo de viver nos filmes: velhice, sexualidade e memória em Copacabana. **Enfermagem**, Florianópolis, v. 16, n 1, p. 157-162, 2007.
- PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, M. M. L. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 69-84.
- RODRIGUES, C. L. **O homem de pijama: o imaginário masculino em relação à aposentadoria**. 2000. Dissertação (Mestrado em Gerontologia)–Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2000.
- RODRIGUES, L. P. **Um estudo sobre construção de masculinidades com homens clientes de prostitutas**. 2009. 80f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.
- VALE DE ALMEIDA, M. Introdução. In: VALE DE ALMEIDA, M. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século, 1995. p. 13-20.
- _____. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do Sul de Portugal. **Anuário Antropológico 95**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 161-190.
- VALERIO, M. P. **A pouca adesão masculina aos grupos de atividade física para a terceira idade**. 2001. 105 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano)–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2001.
- VASCONCELLOS, D.; NOVO, R. F.; CASTRO, O. P.; VION-DURY, K.; RUSCHEL, A.; COUTO, M. C. P. P.; COLOMBY, P.; GIAMI, A. A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n 3, p. 413-419, 2004.
- VÍCTORA, C. G. Os homens e a constituição do corpo. **Corpus – Cadernos do NUPACS**, Porto Alegre, v.5, p. 1-33, 1997.